

Cinearte



NTRE os que commerciam com o Cinema, proprietários de salões de projecção, gerentes dos mesmos, uma singular animadversão existe contra a critica que se faz aos

films. Entendem elles, geralmente, que a secção que vem mantendo ha tantos annos esta revista, desde os tempos em que estava ligada ao PARA TODOS..., é além de perfeitamente inutil, em muitos casos prejudicial aos seus interesses, por isso que grande parte dos nossos leitores deixando-se levar por nossas impressões deixam de ir ver certas produções que nós reputamos inferiores e sobre a qual elles repousavam grandes esperanças. Chegam a dizer, francamente, que nós só servimos com a nossa critica para lhes embarçar, para lhes atrapalhar os negocios.

São sem conta as solicitações amistosas que nos têm sido feitas para extinguirmos a nossa parte critica, deixando que o publico, por si, julgue dos films.

Ora, o Cinema, como espectáculo publico, e nesse ponto assemelha-se bem ao theatro, não pôde escapar á critica. E esta existe em toda parte. Nos mercados productores ha mesmo a pre-visão dos films, como no theatro as "avant premières", destinadas essas exhibições exclusivamente aos criticos, jornalistas e interessados no negocio, exhibidores, exportadores, etc.

E as grandes revistas cinematographicas, como as secções de todos os jornaes que dedicam a sua attenção ao Cinema, fazem a sua critica antes mesmo que o film seja entregue ao publico — critica independente, critica seria — que não attende aos interesses do productor, mas exclusivamente, aos do publico — exaltando ou condemnando uma produção sobre a qual repousam, muitas vezes, esperanças sem conta, e que, entretanto, pôde redundar em extraordinario desastre. Isso tem succedido innumeradas occisiões, e nem por isso nesses logares se pede a supressão da critica, se exige o silencio para que o negocio vá para diante com o ludibrio do publico pagante.

Em nossas columnas nós publicamos com anticipação de mezes, resumos da critica de varios paizes sobre films que virão, de certo, ao nosso mercado.

Cumprimos com isso, o nosso dever para com o exhibidor que raramente lê as revistas do genero publicadas em outros paizes.

Se apesar da critica desfavoravel elle insiste em exhibir, em adquirir muitas

ANNO I — NUM 38
17 — XI — 1926

vezes essa produção mediocre, certo não poderá contar com a nossa cumplicidade para lograr o publico. Nossa critica das produções que vêm ao Brasil,



GALERIA DOS COADJUVANTES

Florence Gilbert tem sido a "leading-woman" de Earle Foxe, em todas as suas "Aventuras de Don Casmurro". Nasceu em Chicago e estreou no Cinema com a companhia de Mack Sennett, onde esteve 3 annos e meio. Passou á Christie, trabalhou depois nas comedias de Monty Banks, Universal e Metro.

faz-se geralmente, quando da primeira exhibição nos Cinemas do Rio ou São Paulo. Não pôde prejudicar ao primeiro exhibidor, que a esse o publico, logo, no segundo dia, se o film não presta, dá o devido troco, desertando do estabelecimento.

Depois, a função da critica não é essa de seguir a opinião de qualquer publico.

Quantas vezes deixa o publico de concordar com o critico?

E quantas outras o critico ri para si mesmo, da imbecilidade do publico?

Ahi temos um exemplo frisante.

"Siegfried", o grande film allemão exhibido no Parisiense, foi um insuccesso de bilheteria.

E', entretanto, uma das obras primas da cinematographia mundial.

E' função da critica salvar essa produção do mallogro, fazendo-lhe resaltar as bellezas, sobre ella chamar a attenção do publico, transviada por qualquer motivo, de sorte a converter o insuccesso da primeira exhibição em um triumpho posteriormente, nos outros Cinemas.

E é isso o que está acontecendo.

O insuccesso da primeira exhibição, no Parisiense tem contrastado com a curiosidade sympathica, sempre crescente que tem acolhido esse film na sua perambulação pelos Cinemas dos bairros.

"Siegfried" volverá a ser exhibido na Avenida e será devidamente apreciado pelo publico, injusto em suas primeiras impressões.

Por esse exemplo, se vê, que a critica nem sempre causa os males de que se queixam os nossos donos de Cinema.

O que ella não pôde fazer é fechar os olhos aos defeitos, ás qualidades negativas de tantas "botas", que por ahi andam a desafiar a paciencia dos mais pacientes dos espectadores.

Justa, imparcial, sincera, como a entendemos e praticamos é de uma grande utilidade para os nossos Cinemas até.

E para o publico, então...

Quanto tempo perdido lhe temos poupador

A NOSSA CAPA

A cidade Mexicana chamada Buango, foi o local em que — no dia 6 de Fevereiro de 1899 — nasceu Ramon Novarro, um dos grandes idólos do nosso publico. Elle chamava-se, então, Ramon Samaniegos. Seus paes são descendentes de hespanhoes. Samaniegos era um excellente nome mas, vocês comprehendem, nunca que poderíamos pronunciar-o com facilidade. Era muito grande... e os poucos que o podiam pronunciar não tinham tempo a perder... Era, pois, necessario que o proprio Ramon pensasse em modifical-o. Trocou-o por Novarro.

Como Valentino, seu predecessor, Novarro começou á vida como dansarino, até que um dia conseguiu impressionar Rex Ingram. "O Prisioneiro de Zenda" estabeleceu-o como o ultimo expoente da gentil arte de fazer amor no "screen". E todos vocês o reconheceram como tal em "Frisolito Amór", "Scaramouche", "Apsará", "O Teu Nome é Mulher", "O Arabe Aristocrata", "Fogo, Cinzas e... Nada!" e "O Guarda-Marinha". Vel-o-emos breve em "Ben-Hur" e "A Certain Young Man". Actualmente trabalha com Alice Terry, em "The Great Galeoto".